

ANAIS DO
VII SIMPÓSIO NACIONAL DOS PROFESSORES
UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA

Organizado pelo Prof. *Eurípedes Simões de Paula*

A CIDADE E A HISTÓRIA

VOLUME I

LV
Coleção da *Revista de História*
Sob a direção do Professor
Eurípedes Simões de Paula



SÃO PAULO — BRASIL
1974

A URBANIZAÇÃO EM CANUDOS COMO DECORRÊNCIA DA NECESSIDADE DE DEFESA (*).

CÂNDIDA PEREIRA DA CUNHA

e
ILANA BLAJ

da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

I. — O TERRENO DA INSTALAÇÃO DO ARRAIAL (**).

“... As inúmeras colinas que se desdobram em torno da cidadela sertaneja, todas com a mesma altitude quase e dando, ao longe, a ilusão de uma campina unida e vasta, alevantam-se dentro de uma elipse magestosa de montanhas. Olhando para a direita, avultam as cumiadas de Cannabrava, Poço de Cima e

(*) — Comunicação apresentada na 6ª sessão de Estudos, Equipe B 1, no dia 6 de setembro de 1973 (*Nota da Redação*).

(**) — Esta pesquisa foi baseada exclusivamente em três jornais paulistas dos anos de 1896 e 1897: *O Estado de São Paulo*, *Correio Paulistano* e *Diário Popular*.

As notas de rodapé referentes às localidades e acidentes geográficos foram retiradas dos seguintes livros: *Almanak Lammert*, 2º volume, editora tipografia do Almanak Lammert, Rio de Janeiro, 1914; *Anuário Estatístico da Bahia* — 1935, prof. Antônio Peixoto Guedes, papelaria brasileira, Bahia, 1936; *Atlas do Brasil*, editora Globo, Porto Alegre, 1953; *Atlas do Império do Brasil*, org. Cândido Mendes de Almeida, litographia do Instituto Philomático, Rio de Janeiro, 1868; *Atlas Geográfico Melhoramentos*, Geraldo José Pauwels, ed. Melhoramentos, São Paulo, 1968; *Carta do Brasil ao Milionésimo*, I.B.G.E., GB., 2. ed. 1960, *Dicionário Geográfico e Descritivo do Império do Brasil*, 2 volumes, dr. Caetano L. de Moura, 1845; *Dicionário Geográfico do Brasil*, 3 volumes Alfredo Moreira Pinto, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1896; *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*, I.B.G.E., 5º volume, R.J. 1960; *Mapa do Estado da Bahia*, Diretoria de serviços gráficos, geológicos e meteorológicos do estado da Bahia, Bahia, 1934; *Os sertões*, campanha de Canudos, Euclides da Cunha, ed. *Universidade de Brasília*, 27a. edição 1963.

As notas referentes aos oficiais do exército participantes da campanha de Canudos foram baseadas no: *Almanak do Ministério da Guerra* (1896-1897), Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, ano de 1896 e 1897.

As explicações das expressões regionais foram encontradas em: *Antologia* — Euclides da Cunha, org. Olímpio de Souza Andrade, ed. Melhoramentos, São Paulo, 1966; *Dicionário de História do Brasil*, prof. Álvaro Magalhães, ed. Globo, Porto Alegre, 1969.

Cocorobó ligando-se à esquerda com as do Calumby, Cambaio e Caypan —, inflectindo a leste e a oeste uma curva amplíssima e fechada, com um eixo maior de doze léguas e um menor, de nove, traçando uma elipse perfeita.

Dentro dela, estende-se a região caótica, irregularmente ondulada, em cujo centro, aproximadamente, se ergue Canudos...” (1).

O arraial de Canudos se localizou em uma região onde as peculiaridades do terreno protegiam os jagunços (2) das investidas das forças legais, ao mesmo tempo em que propiciavam aos combatentes meios de ataque e de fuga. Esses mesmos acidentes geográficos dificultavam a ação das tropas governamentais, dado o seu desconhecimento no trato destes acidentes.

A região que circundava o arraial de Canudos pode ser caracterizada por sua feição caótica e acidentada. O terreno é montanhoso, mesclado de paredões e escarpas, separados por vales profundos ou desfiladeiros. Pode-se dizer que visto de longe esse relevo formava oito ou nove montanhas que circundavam o arraial.

“...os grandes acidentes de terreno derivavam para leste depois para o norte e subsequentemente para noroeste, como que estabelecendo em torno de Canudos um círculo de cumiadas, cortado pelo Vasa-Barris em Cocorobó” (3).

Cocorobó se figura muito importante, pois fornece a única passagem para Canudos que dista dali uma légua e meia. Essa passagem

(1). — *O Estado de São Paulo*, 11-10-1897: “Canudos, diário de uma expedição”, Euclides da Cunha.

Canabrava: serra ao norte de Canudos no município de Monte Santo.

Poço de Cima: elevação a nordeste de Canudos e a norte de Cocorobó.

Cocorobó: elevação à margem direita do rio das Queimadas ao norte de Canudos. Atualmente Cocobocó

Calumby e Cambaio: Serras a sudoeste e noroeste de Canudos no município de Monte Santo.

Caypan: serra a noroeste de Canudos, próxima à serra do Cambaio.

Canudos: segundo Euclides da Cunha, tal denominação se origina do fato de existirem à beira do rio Vasa-Barris plantas chamadas de “canudos-de-pito” com as quais os habitantes faziam seus cachimbos.

(2). — *Jagunços*: denominação atribuída aos partidários de Antônio Conselheiro e que empregavam toda a espécie de armas. O termo é tirado de “zarguncho” ou “zaguncho”, espécie de azagaia (lança curta dos negros e mouros), usada pelos cafres africanos. Foi, depois, tornada extensiva aos que lutavam com esta arma. Cf. *Dicionário de História do Brasil*, prof. Álvaro Magalhães, Editora Globo, Porto Alegre, 1969.

(3). — *O Estado de São Paulo*, 17-7-1897: “A nossa Vendêa”, Euclides da Cunha.

é situada entre dois penhascos laterais e um fronteiroço de onde os jagunços erguiam trincheiras, de forma que possuíam ampla visão da estrada sem nunca serem vistos (4). Isso possibilitava também a ação dos habitantes do arraial nos combates às forças legais (5).

Mesmo a vegetação da região dificultava a penetração dos elementos estranhos a ela, pois era espessa, composta de cerrados extensos e impenetráveis. Por outro lado, os elementos nativos pelo conhecimento que tinham do terreno, rompiam essa vegetação facilmente, utilizando-a como outro meio de ataque (6).

A água, elemento tão importante para qualquer reduto que teria que viver em lutas e muitas vezes completamente cercado, não foi esquecida quando da instalação do arraial. Das encostas das montanhas e penhascos corria o rio Vasa-Barris (7), que sinuoso chegava à praça central do arraial abastecendo sua população (8). Prova da importância das aguadas existentes em Canudos é o fato de que o arraial só sucumbiu quando nos últimos dias de ataque lograram as forças legais tomar essas aguadas (9). Além desse fornecimento de água, o rio, como também toda a topografia da região, propiciava aos jagunços munições para as suas armas.

“... as próprias armas inferiores que usam, na maioria constituem um recurso extraordinário: não lhes falta nunca a munição para os bacamartes grosseiros ou para as rudes espingardas de perde-neira... as cavernas numerosas que se abrem

(4). — *O Estado de São Paulo*, 2-7-1897: “No sertão da Bahia”, Manoel Benício.

(5). — Fato significativo é este pequeno trecho em que o correspondente especial do jornal *O Estado de São Paulo* relata o combate entre os jagunços e a expedição de Moreira César: “O inimigo fazia fogo escondido por detrás das montanhas que circundam Canudos”. Em *O Estado de São Paulo*, 8-3-1897: “O combate de Canudos”.

Coronel Antonio Moreira Cesar: nasceu em 7-7-1850 em Pindamonhangaba (São Paulo). Praça a 29-12-1869, Alferes-aluno a 26-12-1874, alferes a 31-1-1877, tenente a 29-7-1877, capitão a 14-5-1890, tenente-coronel a 17-3-1890, coronel efetivo a 18-3-1892.

(6). — *O Estado de São Paulo*, 17-7-1897: “A nossa Vendêa”, Euclides da Cunha.

(7). — *Rio Vasa Barris*: tinha como nome primitivo Irapirang, no Estado de Sergipe. Nasce na serra Itiúba e corre com pequeno cabedal por um terreno pedregoso do nascente para o poente, recolhendo alguns ribeiros insignificantes. Corta o arraial de Canudos e a duas léguas do mar, se junta ao rio Sergipe.

(8). — *O Estado de São Paulo*, 17-7-1897: “A nossa Vendêa”, Euclides da Cunha. *O Estado de São Paulo* 4-8-1897: “Canudos”. *O Estado de São Paulo*, 7-8-1897: “Canudos”.

(9). — *O Estado de São Paulo*, 4, 6, 8 de outubro de 1897: “Canudos”.

nas camadas calcáreas dão-lhes o salitre para a composição da pólvora e os leitos dos córregos, lastrados de grãos de quartzo, duríssimos e rolados são depósitos inexauríveis de balas” (10).

E mais, as enchentes do Vasa-Barris retardavam a ação das forças do governo (11).

A partir destas características, não é difícil perceber-se o porquê da instalação do arraial de Canudos em meio a esse terreno acidentado. Ele fornecia não apenas os meios de defesa, mas também os de ataque.

Localizado no centro desse terreno montanhoso, Canudos principiava em uma das encostas que o cercava, cobrindo-a de casebres

“que iam descendo e aumentando pela encosta abaixo, até uma pequena depressão de terreno a 100 metros formando praça com inclinação suave” (12).

Sua entrada é difícil de ser vencida devido aos penhascos que a ladeiam e também devido às caatingas de difícil penetração (13).

Inclusive, em termos de vizinhança, Canudos estava situado em local privilegiado, pois sua proximidade com os centros de abastecimento da região é patente. Situado na comarca de Monte Santo (14), Canudos distava do centro dessa comarca apenas 14 léguas (15). Era portanto um ponto estratégico frente suas necessidades de abastecimento. Todas estas características que facilitavam a defesa do arraial não eram desconhecidas pelos jagunços antes de sua fixação, pois desde 1887 vagavam por essa região. Apenas depois de

(10). — *O Estado de São Paulo*, 17-7-1897: “A nossa Vendêa”, Euclydes da Cunha .

Bacamarte: arma de fogo antiga de cano curto e largo, reforçada na coronha.

(11). — Segundo o telegrama do Governador da Bahia, Luiz Viana, endereçado ao presidente da república, Prudente de Moraes, em 5-7-1897, tem-se que: “as forças não entraram em operação devido a grande enchente do rio Vasa-Barris”, em *O Estado de São Paulo*, 6-7-1897: seção “Telegrammas”.

(12). — *O Estado de São Paulo*, 7-8-1897: “Canudos”.

(13). — *O Estado de São Paulo*, 1-3-1897: seção “Jornaes do Rio”.

(14). — *Monte Santo*: vila criada em 1837 com a denominação de Coração de Jesus de Monte Santo. Desmembrada do município de Itapicurú. Está a 65 léguas a noroeste de Salvador. A comarca de Monte Santo tem dois termos: Monte-Santo com os distritos administrativos de Monte Santo, Canudos, Cansação e os municípios de Cumbe e Uauá, Tucano com os seguintes distritos administrativos: Tucano, João Vieira, Triunpho e Aracy.

(15). — *Correio Paulistano*, 2-10-1897: seção “Cartas do Rio”.

1893, quando Conselheiro (16) e seu bando já haviam lutado com as forças policiais é que se fixam em Canudos. Fica assim demonstrado a instalação dos jagunços como decorrência da necessidade de defesa em um terreno já por eles conhecido, e que lhes fornecia todos os meios de abrigo e também de ataque (17).

Alem de oferecer condições de defesa e ataque às forças de Conselheiro, a região onde se instalava Canudos tinha também a vantagem de dificultar a ação das forças legais. Desde o início do envio dessas para o arraial, tais expedições encontravam-se em dificuldades frente ao terreno que o circundava. Como relata o jornal *O Estado de São Paulo* de 8/12/1896:

“As forças do governo, apesar dos reforços enviados sucessivamente, ainda não puderam dar combate decisivo pela dificuldade de transportes, o que impede a rápida mobilização; outro obstáculo que se apresenta é o transporte de munições de boca, que é imprescindível, visto que os bandidos devastam sempre toda a zona em que pisam” (18).

Essas dificuldades de transporte se acentuavam mais pelo fato de que as forças legais só podiam estacionar em Curral dos Bois, distante 32 léguas de Canudos (19). Portanto, as forças legais para atacarem o arraial, tinham de atravessar uma região repleta de acidentes geográficos adversos. Inclusive, várias divisões do exército ou não puderam atuar, ou tiveram sua ação dificultada pela topografia da região. A cavalaria, por exemplo, não pode seguir para Canudos por não poder operar naquela região montanhosa (20). A arti-

(16). — *Antônio Conselheiro*: cognome de Antônio Vicente Mendes Maciel, nascido em Quixeramobim (Ceará) em 1828. Filho de Vicente Mendes Maciel e Maria Joaquina do Nascimento, pertencentes a uma família de vaqueiros. Desde rapaz gostava de ler a Bíblia. Em 1857-8 vende seu armazem e começa as suas andanças pelos sertões do Nordeste. Pregou em Crato, Alagoas, Pernambuco, Sergipe, Ceará e Bahia. Em 1876 é preso em Itapicuru e enviado a Fortaleza e de lá é remetido a Quixeramobim onde é solto. Volta novamente para o sertão pregando em Massacará, Monte Santo, Cumbe e Bom Conselho, instalando-se em Canudos em 1893.

(17). — "... até 1893 Canudos era uma simples fazenda, tendo apenas a casa do vaqueiro; e foi depois do encontro da força de polícia, no lugar denominado Maceté com os conselheiristas em 1893 que Conselheiro fixou-se em Canudos." em *O Estado de São Paulo*, 2-3-1897: seção "Jornaes do Rio".

Maceté: rio que banha o município de Tucano e deságua no Itapicuru (Bahia).

(18). — *O Estado de São Paulo*, 8-12-1896: "Antônio Conselheiro".

(19). — *Correio Paulistano*, 8-6-1897: "Canudos".

Curral dos Bois: antigo nome da paróquia de Santo Antônio da Glória, ao norte da Tiuba, à margem esquerda do rio São Francisco. Hoje, Glória.

(20). — *O Estado de São Paulo*, 11-3-1897: seção "Telegrammas".

lharia, por sua vez, tem suas evoluções retardadas devido à configuração do terreno.

“Basta considerar-se que os elementos que vão ser postos em ação têm de ser limitados, porque o terreno onde se vai operar não permite o emprego da cavalaria, como seria para desejar, e mesmo para a artilharia as suas evoluções serão penosas e demoradas” (21).

Era imprescindível portanto a tomada dos pontos estratégicos da região por parte das forças legais. Somente quando nos últimos dias de combate, tomaram a estrada do Cambaio, a ação dessas forças foi facilitada acarretando o desenlace final (22).

A idéia de que somente com a posse desses pontos estratégicos se lograria a vitória final já era bem antiga (23).

Em síntese, a instalação do arraial de Canudos só se deu após terem ocorrido as primeiras lutas entre jagunços e policiais. O local dessa instalação já era conhecido pelos bandos conselheiristas que sabiam antecipadamente das peculiaridades do terreno que convergiam para o seu fortalecimento, ao mesmo tempo que dificultavam a ação das tropas governamentais. Somente com a tomada de tais pontos estratégicos Canudos seria derrotado.

* *

*

Por já conhecerem previamente o terreno da instalação do arraial, os jagunços tinham facilidade de trânsito nas estradas que circundavam Canudos:

“... o jagunço não tem apenas 3 ou 4 estradas para o acesso ao povoado, tem um número incalculável delas — qualquer ponto por mais escabroso é lhe francamente praticável” (24).

(21). — *O Estado de São Paulo*, 14-3-1897: seção “Notícias do Rio”.

(22). — *O Correio Paulistano*, 29-9-1897: “Canudos”.

(23). — O ex-governador da Bahia, dr. José Gonçalves manifestava-se em março de 1897 dessa forma: “Trata-se de verdadeira campanha que só poderá ter êxito empreendida com um corpo de exército tão numeroso que possa ocupar os pontos estratégicos de toda aquela região, impedindo o suprimento de gente e munições de guerra e boca para Canudos...”, em *O Estado de São Paulo*, 12-3-1897: seção “Notícias do Rio”.

(24). — *O Estado de São Paulo*, 22-9-1897: “Canudos, diário de uma expedição”, Euclides da Cunha.

Por outro lado, tais estradas que muitas vezes eram simples picadas, traziam dificuldades para as forças legais pelo desconhecimento do terreno e dessas vias de acesso. Assim, o bloqueio de Canudos era uma tarefa penosa.

Em cartas provenientes de Carrocho encontram-se informações de que Conselheiro conhece muitas outras estradas e pontos das quais ninguém tem conhecimento. Além disso, muitas pessoas de lugares denominados Rodelas, Várzea da Ema, Vargem do Rio São Francisco Pambú, Capim Grosso vão para Canudos por estradas desconhecidas, nada podendo fazer as autoridades (25).

Aliás, esse fato da vinda de adeptos em grande número para Canudos por tais estradas é uma situação que se repete desde o início da existência do arraial, até os últimos dias de combate (26).

Essas estradas não eram apenas uma via de acesso para os adeptos de Conselheiro mas tinham uma outra função importante: os jagunços por elas buscavam víveres de que necessitavam para continuar sua defesa.

“... Os jagunços têm recebido víveres pelas estradas de Canabrava e da Várzea da Ema, onde transitam livremente” (27).

(25). — *Correio Paulistano*, 8-6-1897: “Canudos”.

Rodelas: localidade no antigo distrito de Santo Antônio da Glória, Bahia, à margem esquerda do rio São Francisco, Hoje, Rodeias.

Várzea da Ema: povoação ao norte de Canudos, nos seus sertões. A margem do antigo rio das FONSECAS, hoje rio Murururé.

Vargem do rio São Francisco Pambú: localidade situada entre a cidade de Pambú (margem esquerda do rio São Francisco) e o rio da Vargem (afluente do São Francisco).

Capim Grosso: localidade pertencente à comarca de Joazeiro. Situada à margem esquerda do rio São Francisco a 130 km. abaixo da cidade de Joazeiro e 571 km. da capital.

(26). — Já em 31-1-1897, encontra-se em *O Estado de São Paulo* a seguinte nota: “Depois que as forças expedicionárias se retiraram das imediações de Canudos, deixando portanto as estradas livres, tem aumentado extraordinariamente o número de conselheiristas. De diversos pontos do estado seguem para Canudos homens, mulheres e crianças, quase todos armados e que além disso levam tudo o que possuem para o santo Conselheiro”, em *O Estado de São Paulo*, 31-1-1897: “Antônio Conselheiro”. Ainda em julho de 1897 segundo trechos de uma carta: “Nas estradas se encontram jagunços que seguem para Canudos. Ainda ontem, às cinco horas da tarde, passou aqui um grupo de mais de 1.000 que levavam grande quantidade de armamentos e munições”, em *O Estado de São Paulo*, 27-8-1897: “Canudos, diário de uma expedição”, Euclides da Cunha.

(27). — *O Estado de São Paulo*, 13-9-1897: seção “Telegrammas”.

Inclusive o local de instalação do arraial oferece estradas e rios que comunicam Canudos com outras povoações. A estrada de Cambaio e o rio do Sargento, por exemplo, ligam Canudos com as povoações de Bom Conselho, Cumbe, Fortaleza, Tucano, serra do Lopes e

“outros celeiros que proporcionavam fartos recursos ao inimigo” (28).

Ao longo desses locais de trânsito também existiam aguadas que abasteciam os conselheiristas, facilitando seu percurso. Em junho de 1897 as tropas governamentais se apercebem desse fato e tomam uma das principais localidades de abastecimento e de trânsito para os jagunços: Massacará (29).

Ao mesmo tempo em que as estradas abasteciam Canudos de víveres e armas, facilitavam o acesso de adeptos ao local, também eram prejudiciais a movimentação das forças legais. Segundo telegrama de Monte Santo, percebe-se a dificuldade de locomoção dessas tropas, pois referindo-se à brigada de infantaria tem se que:

“A travessia de Canudos a Aracaty fê-la debaixo de renhido fogo dos jagunços emboscados ao longo da estrada e que atacavam incessantemente pelos flancos” (30).

Essas emboscadas e ataques aos corpos governamentais não tinham apenas a função de tolher-lhes os movimentos, mas encontra-se

(28). — *O Estado de São Paulo*, 15-9-1897: “Canudos”.

Rio do Sargento: riacho que nasce na serra do Caximango e morre próximo ao sul de Canudos.

Bom Conselho: vila e município do estado da Bahia a 338 km. da capital. Criado em 1817, vila em 1875 e comarca em 1890. Situado a 15 léguas de Geremoabo, 7 de Pombal e 24 de Monte Santo. Atualmente, Cícero Dantas.

Cumbe: arraial do estado da Bahia no termo de Monte Santo. Situado ao pé da serra do seu nome, distante cerca de 42 km. de Massacará e 50 de Monte Santo. Hoje Euclides da Cunha.

Tucano: antiga freguesia da Província da Bahia. Criada vila em 1837. A duas léguas do rio Maceté, e próximo ao rio Itapicurú. A 54 leguas de Salvador e 7 de Pombal.

Serra do Lopes: morro do estado da Bahia no município de Conceição de Coité, entre esta localidade e Queimadas.

(29). — *Correio Paulistano*, 8-6-1897: “Canudos”.

Massacará: paróquia do estado da Bahia no município de Monte Santo, criada em 1872. Situada a leste de Monte Santo e sudeste de Canudos.

(30). — *O Estado de São Paulo*, 11-7-1897: “Canudos”.

Aracaty: serra do estado da Bahia no município de Monte Santo.

muitas referências de saques a essas tropas com o fim de abastecer o arraial de víveres e munições (31).

Portanto, pode-se perceber que dada a instalação de Canudos em um terreno já conhecido pelos jagunços, estes transitam livremente pelas estradas circundantes abastecendo o arraial de víveres e munições, aliciando mais adeptos e dificultando a ação das forças governamentais, reforçando ainda mais a defesa do arraial.

Reforçando-se tal idéia percebe-se que o arraial localizava-se próximo à serra do Cambaio,

“célebre pela sua quase inexpugnabilidade oferecida pela configuração do terreno” (32).

Tal serra protegia várias estradas, propiciando liberdade de trânsito para os jagunços, ao mesmo tempo que os protegia das investidas das brigadas oficiais. Era portanto um ponto estratégico que reforçava ainda mais a defesa do arraial, apercebendo-se desse fato as tropas governamentais (33).

(31). — “O ataque ao comboio de víveres... deu-se no caminho que vai de Jueté a Rosário e ao Rancho do Vigário”, em *O Estado de São Paulo*, 15-7-1897: “Expedição de Canudos”. “... no dia 13 os jagunços conseguiram apossar-se de 56 animais do 5º regimento de artilharia que estavam pastando cerca de uma légua distante do acampamento”., em *O Estado de São Paulo*, 29-8-1897: “Canudos, diário de uma expedição, — telegrama.” Quanto ao roubo de armas, entre outras referências, destaca-se a seguinte: “...É sabido que a brigada Girard foi atacada em caminho por um grupo de jagunços, havendo mortos e feridos, apossando-se os fanáticos, dizem uns, de 3 cargas de munições e de algumas bélicas; destroçando o gado e, conforme outros, só se apossando de 3 cargas de munições de boca”, em *O Estado de São Paulo*, 25-8-1897: “Canudos”.

Jueté: riacho a oeste de Canudos e que desagua nas proximidades do rio Vasa-Barris.

Rosário: localidade à beira do rio Rosário (margem esquerda), próxima ao rio Vasa-Barris a sudeste de Canudos.

Rancho do Vigário: lugarejo a 18 km. de Canudos.

Miguel Maria Girard: nasceu a 11 de dezembro de 1844. Praça a 16-1-1864 e tempo de serviço de 7-1-1861 a 5-2-1863. 2º Tenente a 18-1-1868, 1º Tenente a 30-10-, com antiguidade de 18-8-1869, por bravura. Capitão a 27-10- com antiguidade de 13-5-1871. Major a 3-11-1887, por merecimento. Tenente-Coronel a 7-1-1890, por merecimento. Coronel a 18-3-1892, por merecimento. General de brigada a 12-7-1895. Medalhas: de mérito, do combate naval do Riachuelo, medalha concedida ao exército em operações na república do Uruguai, medalha comemorativa da terminação da Guerra do Paraguai, medalha da campanha do Paraguai concedida pela Argentina e outra concedida pelo Uruguai.

(32). — *Correio Paulistano*, 29-9-1897: “Canudos”.

(33). — “É um feito de valor imenso, porque o Cambaio era geralmente um ponto em que os rebeldes confiavam, certos de que lhe era impossível a tomada. Com esse feito importou ficar desembaraçada a estrada de Jueté e Rosário...”, em *Correio Paulistano*, *idem ibidem*.

Outro fator que corroborou para a instalação de Canudos no local já descrito é a presença de locais vizinhos que tinham condições de abastecer o arraial.

“Conselheiro recebe mantimentos e gado, de Bom Conselho, Geremoabo e Simão Dias, e munições de Alagoinhas, Santa Luzia e Feira de Sant’Anna” (34).

Os alimentos necessários para o arraial muitas vezes eram conseguidos através de compras feitas a comerciantes dessas cidades próximas. Já em 16/12|1896 esse fato é relatado pelo correspondente de *O Estado de São Paulo*:

“...os chefes locais, interessados em negociações comerciais com Conselheiro, se retraem criminosamente a prestar auxílio às forças” (35).

O comandante da 2.^a expedição enviada a Canudos, major Febrônio de Brito, em seu relato sobre a fracassada tentativa de vencer os jagunços, também notara essa ajuda dos comerciantes (36).

Uma das razões que explicam essa ajuda dos comerciantes locais é o fato de que Conselheiro compra os víveres de que necessi-

(34). — *O Estado de São Paulo*, 31-1-1897: “Antônio Conselheiro”.
Geremoabo: vila e município do estado da Bahia, sede da comarca de seu nome, no sertão do Vasa-Barris. Elevada a vila em 1831. Hoje, Jeremoabo.

Simão Dias: cidade localizada na comarca de Lagarto, Sergipe. Elevada a vila em 1850. Situada à margem direita do rio Taboca, hoje Caiçá.

Alagoinhas: cidade e município do estado da Bahia e sede da comarca de seu nome. Elevada a vila em 1852. Também estação da Estrada de Ferro de Alagoinhas ao Juazeiro, no rio São Francisco a 122 km. da capital.

Santa Luzia: povoação do estado da Bahia, antiga fazenda. Localiza-se entre os rios Itapicurú, Jacuipe e as nascentes dos rios Inhambupe e Pojuca. Próxima à cidade de Alagoinhas e estação da Estrada de Ferro de Alagoinhas a Juazeiro. Atualmente Santa Luz.

Feira de Sant’Anna: cidade e município do estado da Bahia, sede da comarca do seu nome. Vila criada em 1832, cidade em 1837. Hoje, Feira de Santana.

(35). — *O Estado de São Paulo*, 16-12-1896: seção “Telegrammas”.

(36). — Segundo o major Febrônio de Brito: “No dia 16 estava na zona perigosa dos bandidos de Canudos, acariciados por políticos sem entranhas nem caráter, por comerciantes que fazem profissão e farnel no mercado da própria honra”, em *O Estado de São Paulo*, 2-2-1897: “Antônio Conselheiro”

Major Febrônio de Brito: nasceu a 25-6-1851. Praça a 20-2-1865, alferes a 20-2-1869, tenente a 26-4-1879, capitão a 2-10-1889, major a 2-7-1896.

Medalhas: de mérito, comemorativa da terminação da Guerra do Paraguai, medalha da campanha do Paraguai concedida pela Argentina e outra concedida pelo Uruguai.

ta pagando à vista (37). A referência mais sintomática que pode ser encontrada a respeito dessa obtenção de víveres em locais vizinhos é uma entrevista publicada no *Estado de São Paulo* em 27/8/1897 realizada por Euclides da Cunha com um jagunço adolescente aprisionado.

“Indaguei sobre a natureza dos trabalhos agrícolas — rudimentares, quase nulos. O trabalho sob a sua forma mais generalizada consiste em “ganhar” em Monte Santo, Geremoabo e outras povoações circunjacentes” (38).

Todos estes fatos mostram que pelo menos até o estreitamento do bloqueio ao arraial de Canudos realizado pelo general Arthur Oscar (39), Canudos estava bem abastecido de alimentos, justamente por se encontrar próximo a localidades abastecedoras, que tinham condições de oferecer víveres necessários à manutenção da população e ao fortalecimento de sua defesa (40). O gado também era trazido dos locais vizinhos geralmente por auxiliares da confiança de Conselheiro:

“seguiu-se uma força no encaço de Macambira que com 50 homens saiu antes do sítio para buscar gado” (41).

Também os comerciantes que negociavam com Conselheiro forneciam-lhe gado, como atesta o *Jornal de Notícias*:

(37). — Conselheiro “... tem mandado seus emissários a Bom Conselho, Coité e outras vilas e cidades, e comprado todos os gêneros alimentícios existentes nas referidas localidades, a bom preço, e dinheiro à vista”, em *O Estado de São Paulo*, 15-4-1897: “Antônio Conselheiro”.

Coité: vila e município do estado da Bahia criada em 1871 e elevada a vila em 1886. Hoje, Conceição do Coité.

(38). — *O Estado de São Paulo*, 27-8-1897: “Canudos, diário de uma expedição”, Euclides da Cunha.

(39). — *General Arthur Oscar de Andrade Guimarães*: nasceu a 3-5-1850. Praça a 5-1-1864, alferes a 20-2-1869 com antiguidade de 11-12-1868 por atos de bravura. Tenente graduado a 14-7-1871, com antiguidade de 6-10-1870. Efetivo a 14-4-1873 com antiguidade de 18-8-1869 por atos de bravura. Capitão a 28-6-1876 por estudos. Major a 23-1-1889, por merecimento, tenente-coronel também em 1889, coronel em 1892, general de brigada em 1893.

(40). — “Os fanáticos mostram estar fornecidos de gêneros alimentícios, tanto que deitaram fogo aos que apreenderam no campo de luta e aos que estavam depositados no arraial do Cumbe”, em *O Estado de São Paulo*, 24-3-1897: seção “Jornais do Rio”.

(41). — *O Estado de São Paulo*, 1-10-1897: “Canudos”.

Macambira: um dos principais ajudantes de Conselheiro que tinha como principal qualidade e atributo a preparação de ciladas.

“... o feitor de uma das fazendas do Barão de Geremoabo, foi ultimamente a Canudos mostrar uma carta daquele barão ao Conselheiro, na qual o barão recomendava ao seu feitor que na passagem das forças conselheiristas, o mesmo feitor fornecesse o gado de que elas precisassem” (42).

Inicialmente pensava-se que as armas dos jagunços eram provenientes apenas daquelas deixadas pelas expedições oficiais. Porém, Euclides da Cunha já duvidava dessa explicação (43). E realmente as armas eram obtidas também por outras fontes: os locais vizinhos. Já em 1896 tem-se que a cidade de Alagoinhas manda pólvora e chumbo para Canudos (44); e em 1897 que em Villa Nova foram apreendidos barris de pólvora e chumbo para Conselheiro (45). O rio São Francisco também era utilizado como meio de transporte, passando por ali grande quantidade de armas em barcaças (46). Finalmente tem-se que Sete Lagoas também provia Canudos de armamento (47). Enfim, dos mais variados locais e mesmo de outros estados, Canudos era abastecido de armas:

“... por diversos pontos, e, notadamente por Caravellas, tem passado grande número de armas e de munições para o Conselheiro...” (48).

Conclui-se, então, que Canudos se localizou próximo a centros abastecedores de víveres, gado e principalmente armas que fortificavam ainda mais o arraial, propiciando uma maior defesa deste frente às investidas das forças oficiais.

A ajuda obtida por Conselheiro nesses locais vizinhos foi extremamente facilitada pelo fato de que ele já havia percorrido tais

(42). — *O Estado de São Paulo*, 11-2-1897: seção “Telegrammas”.

(43). — “Não é possível que a munição de guerra daquela gente seja só devida à deixada pelas expedições anteriores. A nossa esgota-se todos os dias... Como explicar prodigalidade dos jagunços?”, em *O Estado de São Paulo*, 13-10-1897: “Canudos, diário de uma expedição”, Euclides da Cunha.

(44). — *O Estado de São Paulo*, 5-12-1896: “Antônio Conselheiro”.

(45). — *O Estado de São Paulo*, 24-1-1897: seção “Telegrammas”.

Villa Nova: vila e município do estado de Sergipe na comarca de Propriá, à margem direita do rio São Francisco, uma milha abaixo de Penedo (Alagoas). Hoje, Neópolis.

(46). — *O Estado de São Paulo*, 24-1-1897: “Canudos”.

(47). — *O Estado de São Paulo*, 25-2-1897: “Antônio Conselheiro”.

Sete Lagoas: cidade e município de Minas Gerais, sede da comarca de seu mesmo nome. Estação da Estrada de Ferro Central do Brasil.

(48). — *O Estado de São Paulo*, 26-7-1897: “Jagunços”.

Caravellas: cidade e município do estado da Bahia, sede da comarca do seu nome. Situada à margem esquerda do rio Caravellas, criada em 1750 e elevada a cidade em 1855. Atualmente, Caravelas.

localidades em sua maioria, espalhando sua doutrina e fazendo-se aceito pela população local (49). Às vezes esta doutrinação é também feita pelos auxiliares de Conselheiro (50). Esse trabalho revelou-se tão eficaz que em muitas localidades, como Itapicurú,

“quase todos os habitantes são conselheiristas e... um sacerdote ali continua a pregar em favor dos fanáticos” (51).

A doutrinação era tal que no local denominado Várzea da Ema encontra-se fortificações e depósitos dos jagunços (52).

“Um dos oficiais recém-chegados diz que os jagunços além das trincheiras erguidas na serra do Caypan, também se fortificaram na vargem da Ema” (53).

Inclusive neste local existia um hospital de sangue dos jagunços, além de um depósito de víveres e munições (54). As brigadas oficiais tomam conhecimento do fato e seu próximo alvo após a tomada de Canudos será justamente a Várzea da Ema (55).

Essa obtenção de víveres e munições nem sempre era conseguida pacificamente. Encontra-se várias referências a assaltos e saques praticados pelos jagunços quando a população local se negava a prestar ajuda.

(49). — “...Conselheiro recebe mantimentos e munições de guerra, armas e roupas, de diversas localidades do interior do estado da Bahia por onde andou sem encontrar embarços por parte dos poderes estaduais, a reunir gente, a pregar a sua doutrina, e a fazer, por conseguinte, proselitismo”, em *O Estado de São Paulo*, 5-2-1897: seção “Cartas do Rio”.

(50). — *O Estado de São Paulo*, 13-8-1897: seção “Telegrammas”.

(51). — *O Estado de São Paulo*, 13-8-1897: “Canudos”.

Itapicuru: vila do estado da Bahia criada em 1728 situada à margem esquerda do rio Itapicuru. Inclusive, encontra-se a afirmação de que de “Monte Santo para cima... quase todos os habitantes auxiliam o Conselheiro”, em *O Estado de São Paulo*, 29-8-1897: “Canudos, diário de uma expedição, telegrama”.

(52). — *Várzea da Ema*: povoação ao norte de Canudos nos seus sertões, à margem do antigo rio das Fonseca, hoje rio Murururé.

(53). — *O Estado de São Paulo*, 25-8-1897: “Canudos”.

(54). — “... Alguns jagunços presos dizem que os conselheiristas têm depósitos de animais, gêneros e munições na Várzea da Ema, onde também levantaram uma fortaleza”, em *O Estado de São Paulo*, 20-9-1897: “Canudos”.

(55). — “... Canudos, até o fim do mês estará inteiramente em poder das briosas forças legais. Depois irão contra a Várzea da Ema, onde existe um hospital de sangue do inimigo, guardando uns 200 homens que dispõem de forte e abundante armamento, além de mais abundantes munições ainda”, em *O Estado de São Paulo*, 19-9-1897: “Canudos”.

“... no dia 10 um grupo superior a 20 conselheiristas atacou o lugar denominado Cachiqui, próximo à vila de Capim Grosso, cometendo diversas tropelias e assassinando o juiz de paz, Brígido Gomes Pereira e cinco pessoas mais, prendendo nove outras e praticando roubos de dinheiros, que calcula-se em cerca de nove contos de réis” (56).

Muitas vezes os jagunços instalam-se nos locais tomados, como percebe-se no *Estado de São Paulo* do dia 31/1/1897 (57).

Quanto mais estreito torna-se o cerco a Canudos, mais constante são esses ataques a locais vizinhos.

“Um grupo de jagunços capitaneados pelo célebre fanático Antônio Fogueteiro, invadiu a povoação de Mirandella, termo de Pombal, à busca de víveres e de munições para suprir Antônio Conselheiro” (58).

Concluindo, tem-se que Canudos fora instalado em um local rodeado por estradas e vias de trânsito conhecido previamente pelos jagunços e que comunicavam o arraial com locais vizinhos, os quais ofereciam condições de abastecimento ao arraial. Os conselheiristas guarneciam-se de alimentos, gado, armas e munições por meio de compras ou pelo simples envio destas armas pelas populações de tais cidades. Isso acontecia porque Canudos fora instalada em uma região já percorrida anteriormente por Conselheiro e seus adeptos, e portanto já doutrinada por este. Quando os conselheiristas não conseguiam a ajuda desejada, atacavam e saqueavam os locais. Portanto vê-se que Canudos localizou-se próximo a vias de trânsito que levavam a locais abastecedores geralmente já doutrina-dos, fortificando ainda mais a defesa do arraial conselheirista.

* * *

(56). — *O Estado de São Paulo*, 27-6-1897: seção “Jornaes do Rio”.

Cachiqui: lugarejo próximo a Capim Grosso na comarca de Joaseiro. (57). — “Os conselheiristas já tomaram 60 fazendas, que ocupam 6 léguas para o lado de Monte Santo e duas para Geremoabo”, em *O Estado de Paulo*, 31-1-1897: “Antônio Conselheiro”.

(58). — *O Estado de São Paulo*, 21-8-1897: “Canudos”.

Mirandella: freguesia do Estado da Bahia, 6 léguas ao noroeste da Vila de Pombal. Apelidado de Saco-dos-Morcegos.

Pombal: município e termo da Bahia fazendo parte da comarca de Itapicurú. Criado em 1758 e com dois distritos administrativos: Pombal e Mirandella. Fica à esquerda do rio Itapicurú.

II. — O ARRAIAL DE CANUDOS.

A instalação de Canudos deu-se próximo a locais por onde Conselheiro já tinha estado pregando e doutrinando a população. Dessa forma, inúmeros habitantes destas regiões vizinhas emigraram para o arraial. A grande maioria da população de Canudos é composta por estas pessoas que deixaram seus lugares de origem deslocando-se para o reduto conselheirista. O próprio Major Febrônio de Brito foi um dos primeiros a apontar tal característica (59).

Essa migração é tão patente que se encontram várias referências a regiões vizinhas que ficaram praticamente desertas devido a esse êxodo para o arraial. Euclides da Cunha conversando com habitantes de Queimadas relata o que lhe disseram:

“lugares remotos como o Mundo Novo e Entre-Rios, ficaram, por assim dizer, desertos. As povoações, relativamente mais próximas como Inhambupe, Tucano e Cumbe perderam igualmente grande número de habitantes... Sob uma atração irresistível, famílias inteiras mudaram-se para Canudos que cresceu bruscamente...”

(60). Sintomático também é que Queimadas, comarca de Bonfim, que em 1892 contava com 4.504 habitantes, em setembro de 1897, quase no final da existência de Canudos, conta com apenas três casas ocupadas (61). De vários locais há notícias dessa movimentação para Canudos:

(59). — “... é desconfiar de tudo e de todos. Daqui para diante os que mais se dizem adversários de Canudos sabem de tudo que lá passa-se no dia anterior só cuidando dos meios de proteger suas fazendas... Quem lá não tem filho, tem genro, tem irmão e as exceções são raras. Canudos se reforça, nada lhe falta”, em *O Estado de São Paulo*, 2-2-1897: “Antônio Conselheiro”.

(60). — *O Estado de São Paulo*, 9-9-1897: “Canudos, diário de uma expedição”, Euclides da Cunha.

Mundo Novo: vila e município da Bahia criada em 1890, cidade em 1896. Situada a noroeste da Feira de Santana (32 léguas).

Entre-Rios: vila e município criada em 1872. Situada à margem do rio Inhambupe na comarca de Alagoinhas.

Inhambupe: cidade e município à margem direita do rio do mesmo nome. Criada em 1728, cidade em 1896.

(61). — *O Estado de São Paulo*, 14-9-1897: “Canudos, diário de uma expedição-telegrama”.

Queimadas: vila do estado da Bahia na comarca do Bonfim, à margem direita do rio Itapicurú. Criada em 1884.

“de Itabaianinha seguiram em direção a Canudos mais de 300 homens em auxílio do Conselheiro” (62); “da estação de Itiuba... passou por aqueles lados um grupo numeroso de fanáticos para combater em Canudos...” (63); de “Itapicurú, seguiram para Canudos cerca de 5.000 homens” (64); “Da vila do Pombal têm seguido grande número de homens armados... a fim de reforçarem os fanáticos de Antônio Conselheiro... Mais de 400 homens seguiram do município de Capim Grosso para Canudos” (65).

Enfim, pode-se perceber que a ação doutrinadora de Conselheiro foi tão intensa que dos mais variados locais seguiam pessoas para habitar o arraial, lutar por ele e defende-lo (66).

Alem desses habitantes de locais próximos que se deslocavam para Canudos, encontra-se também referências a soldados desertores que habitavam Canudos ensinando aos jagunços o manejo das armas e técnicas de combate.

“Pessoas residentes nas localidades próximas de Canudos, dizem que as forças de Conselheiro são compostas de ... soldados de linha e de polícia desertores” (67).

O fato de que não somente os homens lutavam pela defesa do arraial é constante e daí pode-se avaliar a extensão da doutrina de Conselheiro. Um oficial que tomou parte dos combates escreve espantado:

“Até as mulheres brigam!” (68).

(62). — *O Estado de São Paulo*, 7-5-1897: seção “Jornaes do Rio”.

Itabaianinha: vila e município do Estado de Sergipe, termo da comarca da Estância, próxima à fronteira com a Bahia.

(63). — *O Estado de São Paulo*, 11-7-1897: Canudos”.

Itiuba: estação da estrada de ferro Alagoinhas ao Joazeiro, no estado da Bahia. Entre as estações de Jacuricy e Tiririca. Distante 269 km. de Alagoinhas.

(64). — *O Estado de São Paulo*, 13-8-1897: “Canudos”.

(65). — *O Estado de São Paulo*, 12-1-1897: “Antônio Conselheiro”.

(66). — “... não só dos municípios que circundam Canudos, como mesmo de outros pertencentes a Estados diferentes, chegam diariamente grupos e mais grupos de pessoas, todas armadas...” em *O Estado de São Paulo*, 15-4-1897: “Antônio Conselheiro”.

(67). — *O Estado de São Paulo*, 31-1-1897: “Antônio Conselheiro”. “... ali há soldados desertores que ensinam aos conselheiristas o manejo das armas, havendo exercícios diários; as mulheres trabalham no fabrico de cartuchos...” em *O Estado de São Paulo*, 1-1-1897: seção “Jornaes do Rio”.

(68). — *Diário Popular*, 4-5-1897: “O combate de Canudos”.

Inclusive as crianças do arraial também ajudam nos combates. Segundo relato de um oficial a bordo do navio “Pernambuco”

“os filhos dos jagunços aprisionados demonstra-am conhecer perfeitamente as armas, designando pelos nomes as diferentes peças dos fusis” (69).

Dentro dessa composição da população do arraial existia, pode-se dizer, uma certa hierarquia ou divisão de funções voltada para a guerra. Assim, encontra-se nas forças de Conselheiro postos até o de coronel, além de chefe de polícia, delegados e outras autoridades (70).

Mesmo o grosso da população era dividida em classes por Conselheiro. Fato característico é que essa divisão obedecia ao critério exclusivo de ataque e defesa do arraial. Os mais corajosos eram os melhores armados e desfrutavam de uma posição superior. Eram as atividades bélicas que ditavam a posição social (71).

Torna-se bastante difícil precisar o número certo de jagunços que habitavam o arraial, pois as informações são as mais desconstruídas. Em dezembro de 1896 calculava-se o número de jagunços em 3.000 (72); em março de 1897 estimava-se os conselheiristas em 4.000 homens e 8.000 mulheres (73); em maio de 1897 deduz-se em mais de 2.000 (74). Nunca se encontra uma afirmação explícita baseada em fontes seguras. Porém pode-se dizer que o número de conselheiristas era realmente elevado porque uma comissão oficial contou o número de mortos insepultos entre o dia 1.º e 5.º de outubro de 1897 e afirmou que

(69). — *O Estado de São Paulo*, 21-8-1897: seção “Telegrammas”. Um jornalista — Lellis Piedade — ao visitar um grupo de jagunços presos conta: “... Joaquim é um menino de vivacidade admirável. Fala muito e maneja uma arma quase com a facilidade de um homem, desarmando-a, conhecendo-lhe até as munições respectivas”, em *O Estado de São Paulo*, 8-9-1897: “Canudos”.

(70). — *O Estado de São Paulo*, 31-1-1897: “Antônio Conselheiro”. “O Conselheiro tem nas suas forças um comandante, um sargento...”, em *O Estado de São Paulo*, 10-4-1897: “Antônio Conselheiro”. Inclusive tem-se referências à existência de um médico que fora preso pelos conselheiristas e obrigado a cuidar dos feridos, ver o *Estado de São Paulo*, 15-4-1897: “Antônio Conselheiro”.

(71). — *O Estado de São Paulo*, 13-8-1897: “Canudos”.

(72). — *O Estado de São Paulo*, 5-12-1896: “Antônio Conselheiro”.

(73). — *O Estado de São Paulo*, 16-3-1897: seção “Notícias do Rio”.

(74). — *Diário Popular*, 4-5-1897: “O combate de Canudos”.

"sobe a mais de 2.000 jagunços entre homens e mulheres. O número de covas no cemitério feito depois do sítio é 1772" (75).

Embora a atividade predominante no arraial tenha sido a guerra, sabe-se que os jagunços não descuidaram de outras ocupações como o plantio e a criação de gado (76). Como foi visto, a maioria dos gêneros alimentícios originavam-se los locais vizinhos, porém, conforme a descrição do correspondente do *Jornal do Comércio*, Manoel Benício, observa-se que os jagunços também cultivavam suas terras:

"... 1.500 casinholas infames, mucambos em roçados de cultivo, casinholas que nas horas de chuva servem de abrigo aos agricultores para descansar, comer, guardar as plantações e para as rezas" (77).

O gado era também uma das principais fontes de alimentação dos conselheiristas e tão expressiva era essa criação de gado que os soldados chegaram a se apropriar de alguns animais para alimentação de suas tropas (78).

Portanto, Canudos urbanizou-se voltado exclusivamente para a defesa. Situado em local favorável, habitantes de outras regiões vinham para o arraial no intuito de ajudarem na sua construção e preservação, todos portando armas. Mesmo as mulheres e crianças participavam de tal atividade ou fabricando munições ou lidando com os armamentos. Inclusive a divisão social da população obedecia a um critério bélico, sendo sintomático o fato de não existir uma classe exclusiva de agricultores pois os que cultivavam as terras eram os mesmos que lutavam. A atividade predominante era a criação de

(75). — *O Estado de São Paulo*, 13-10-1897: "Canudos".

(76). — "Imagem que, enquanto o exército lhes ocupa grande parte de casas e os fulmina cotidianamente, num bombardeio incessante, os fanáticos distribuem de um modo notável a atividade, reservando-se da linha de fogo para o campo onde cultivam mandioca, feijão e milho!" em *O Estado de São Paulo*, 22-9-1897: "Canudos, diário de uma expedição", Euclides da Cunha.

(77). — *O Estado de São Paulo*, 13-8-1897: "Canudos". "... Canudos relativamente é um dos territórios mais povoados e trabalhados do Estado. Nas suas cercanias as roças, pastos e lavouras são a perder de vista. Encontram-se engenhocas e casas de farinha em quantidade", em *O Estado de São Paulo*, 7-8-1897: "Canudos".

(78). — *O Estado de São Paulo*, 31-7-1897: "Canudos". "a principal alimentação dos fanáticos é carne, possuindo criação...", em *O Estado de São Paulo*, 1-3-1897: seção "Jornais do Rio". "A criação mais numerosa é a de bodes, em número quase incalculável...", em *O Estado de São Paulo*, 27-8-1897: "Canudos", diário de uma expedição", Euclides da Cunha.

gado, tão numerosa que tornava Canudos completamente abastecida de carne. Logo, tanto a população quanto as atividades desenvolvidas no arraial eram ou voltadas para a guerra ou para a sua defesa.

Canudos constituiu-se uma surpresa para as forças legais ali chegadas, pois esperavam dela um simples arraial e não uma verdadeira cidade.

“... Canudos não é um arraial vulgar; é uma cidadela que tem perto de 3.000 casas” (79).

Canudos era realmente uma grande cidade, inclusive dividida em cinco bairros,

“de um dos quais, o menor, temos em nosso poder uma quinta parte” (80).

Tais bairros apresentavam cores diferentes, sendo três cinzentos e dois vermelhos (81). O próprio general Arthur Oscar, comandante da expedição vitoriosa a Canudos também observou essa divisão da cidade, pois comunica em telegrama que:

“estava de posse no dia 23 de dois consideráveis núcleos de casas do arraial de Canudos, que, segundo o mesmo despacho, se compõe de cinco desses núcleos...” (82).

Encontra-se referências que um desses bairros era o dos ricos, chamado de Vista Alegre (83), composto de

“casas de telhas avermelhadas e de aparência mais correta, um tanto maiores que as demais e mais ou menos alinhadas num arremedo de arruamento” (84).

(79). — *Correio Paulistano*, 3-9-1897: “Canudos”. “Canudos é uma grande cidade e não um arraial como eu também suponha...”, em *O Estado de São Paulo*, 31-7-1897: “Canudos”. “... o arraial que é uma verdadeira cidade com mais de 2.500 casas e duas importantes igrejas, que são verdadeiras fortalezas”, em *Diário Popular*, 4-5-1897: “O Combate de Canudos”.

(80). — *O Estado de São Paulo*, 25-9-1897: “Canudos”. “Do alto da trincheira “sete de setembro” erguida num contraforte avançado do morro da Favella, quem o observa tem a impressão inesperada de achar-se ante uma cidade extensa, dividida em cinco bairros distintos e grandes...”, em *O Estado de São Paulo*, 11-10-1897: “Canudos, diário de uma expedição”, Euclides da Cunha”. *morro da favella: serra do estado da Bahia no município de Monte Santo*.

(81). — *O Estado de São Paulo*, 13-8-1897: “Canudos”.

(82). — *O Estado de São Paulo*, 20-7-1897: seção “telegrammas — Notícias de Canudos”.

(83). — *O Estado de São Paulo*, 4-8-1897: “Canudos”.

(84). — *O Estado de São Paulo*, 11-10-1897: “Canudos, diário de uma expedição”, Euclides da Cunha.

A edificação de tais bairros e das próprias casas era singular: construção em xadrez. Isso porque facilitava a defesa do arraial, pois de qualquer ponto podia-se atirar para os quatro flancos (85).

“... a bizarra disposição dos casebres que, conforme já dissemos em cartas, foram especialmente dispostos para essa infernal resistência...” (86).

“É um quadro surpreendente, o deste acervo incoerente de casas-todas com a mesma feição e a mesma cor, compactas e unidas no centro de cada um dos bairros distintos, esparsos e militarmente dispostas em xadrez nos intervalos entre eles” (87).

Ruas propriamente não existiam (88) e como atesta Euclides da Cunha, naqueles becos estreitos às vezes mal dava para passar um só homem (89).

“As vezes 5 ou 6 casas alinham-se como que numa tentativa de arruamento, mas logo adiante em ângulo reto com a direção daquelas, alinham-se outras, formando martelo e dando ao conjunto uma feição indefinível... Ao mais das vezes, porém, nem isto se dá” (90).

E continuando na sua descrição Euclides relata que às vezes para se ir de um ponto do arraial ao outro, era necessário abandonar Canudos contornando-o por fora (91).

Dentro do arraial, além das casas dos jagunços e das igrejas, existiam outras construções, como: casas de negócio (92), arma-

85). — “As casas... dispõem-se ... de modo tal que de qualquer das 4 esquinas, o inimigo, sem mudar de lugar, rodando apenas sobre os calcanhars, atira para os 4 pontos do horizonte...”, em *O Estado de São Paulo*, 22-9-1897: “Canudos, diário de uma expedição”, Euclides da Cunha.

(86). — *O Estado de São Paulo*, 8-10-1897: “Canudos”.

(87). — *O Estado de São Paulo*, 11-10-1897: “Canudos, diário de uma expedição”, Euclides da Cunha.

(88). — “Não há propriamente ruas, que tal nome não se pode dar às vielas tortuosas, cruzando-se num labirinto inextrincável”, *idem, ibidem*.

(89). — *O Estado de São Paulo*, 21-10-1897: “Canudos, diário de uma expedição”, Euclides da Cunha.

(90). — *O Estado de São Paulo*, 21-10-1897: “Canudos, diário de uma expedição”, Euclides da Cunha.

(91). — *Idem, ibidem*.

(92). — *O Estado de São Paulo*, 7-8-1897: “Canudos”.

Correio Paulistano, 13-3-1897: “Sucessos de Canudos”.

Correio Paulistano, 16-3-1897: “Sucessos da Bahia”.

zens (93), quartel (94), casas de munção (95) e dois cemitérios (96). Portanto, observa-se que mesmo as outras construções existentes estavam voltadas para a defesa do arraial, pois ou eram estabelecimentos de munições ou quartel, ou então casas de venda de gêneros alimentícios imprescindíveis para a população.

Concluindo essa descrição geral de Canudos tem-se ainda a praça central formada pelas duas igrejas e pelo rio Vasa-Barris (97).

As casas do arraial tinham uma cor avermelhada chegando a se confundir com a própria cor da terra (98). Sua construção é geralmente de taipa coberta com folhas de icó e também por barro (99). Por cima dos telhados havia um revestimento de alvenaria tornando o teto maciço e impenetrável (100). Enfim, as casas eram

“construídas de maneira proposital para a bala atravessar sem grande prejuízo” (101).

As casas geralmente não tinham portas e nem janelas. Seus compartimentos eram uma sala que servia de cozinha e um quarto nos fundos (102). Sua construção resistia sobremaneira aos ataques das tropas legais como atesta Euclides da Cunha:

(93). — *Correio Paulistano*, 16-3-1897: “Sucessos da Bahia”.

(94). — *O Estado de São Paulo*, 10-4-1897: “Antônio Conselheiro”.

(95). — *O Estado de São Paulo*, 15-7-1897: “Expedição de Canudos”.

(96). — *O Estado de São Paulo*, 16-10-1897: “Canudos”.

(97). — O rio Vasa-Barris “passa junto às duas igrejas de Canudos, em frente uma da outra, formando uma praça”, em *O Estado de São Paulo*, 7-8-1897: “Canudos”. Além dessa praça central existiam duas outras de construção curiosa: dão para elas os fundos de todas as casas; são um quintal em comum”, em *O Estado de São Paulo*, 11-10-1897: “Canudos, diário de uma expedição”, Euclides da Cunha.

(98). — “As casinhas vermelhas, cobertas de barro da mesma cor salpicam a explanada desordenadamente”, em *O Estado de São Paulo*, 4-8-1897: “Canudos”. “Tem a cor da própria terra em que se erige confundindo-se com ela na mesma tinta de um vermelho carregado e pardo, de ferrugem velha, e, se não existissem as duas grandes igrejas, à margem do Vasa-Barris, não seria percebida a três km. de distância”, em *O Estado de São Paulo*, 11-10-1897: “Canudos, diário de uma expedição”, Euclides da Cunha.

(99). — *O Estado de São Paulo*, 7, 8, 13, de agosto de 1897: “Canudos”.

(100). — *Diário Popular*, 8-8-1897: “Canudos”.

O Estado de São Paulo, 21-10-1897: “Canudos, diário de uma expedição Euclides da Cunha.

(101). — *O Estado de São Paulo*, 4-9-1897: “Canudos”.

(102). — *O Estado de São Paulo*, 8-8-1897: “Canudos”. “Em cada casa, repartida com uma sala de 3 ou 4 metros, que serve também de cozinha e em um quarto escuro, no máximo podiam habitar 5 pessoas”, em *O Estado de São Paulo*, 13-8-1897: “Canudos”.

“... Dois meses de bombardeio permanente não lhe destruíram a metade sequer das casas;... a própria construção rudimentar impedindo a irradiação eficaz das explosões das granadas. A bala atravessa violentamente, sem encontrar resistência, perfurando paredes est eitíssimas, de argila, dez ou vinte casas e não as abala...” (103).

“A mobília era pobre: bancos, redes, baús. Nas paredes bolsas para a caça mas que serviam também para transporte de munições de guerra” (104).

Das paredes de tais casas os jagunços faziam orifícios de onde atiravam contra seus atacantes. Tais orifícios, denominados seteiras, são uma constante em todas as casas (105). O próprio Euclides da Cunha interrompe seu passeio dentro do arraial no dia 29/9/1897 por temer os tiros provenientes de tais seteiras.

“O passeio tornou-se perigosamente atraente, com os jagunços a dois passos apenas, nas casas contíguas, prontos a abrirem nas paredes frágeis uma seteira à passagem dos canos truculentos” (106).

Igualmente ao sucedido quanto a estimativa da população, o número certo de casas existentes em Canudos é difícil de se precisar. Fala-se de 3.000 casas (107), 1.200 (108), 2.000 (109). Porém, uma comissão nomeada para a contagem dessas casas, deu como resultado final um número de 5.200 casas (110).

Em síntese, tem-se que tanto a construção em xadrez quanto as ruas tortuosas e as outras construções existentes, agiam no sentido de fortificar a defesa do arraial. A edificação em xadrez possibilitava ampla visão aos jagunços para o seu ataque; as ruas dificultavam o acesso dos soldados; as outras construções estavam

(103). — *O Estado de São Paulo*, 11-10-1897: “Canudos, diário de uma expedição”, Euclides da Cunha.

(104). — *Idem, ibidem*.

(105). — *Diário Popular*, 21-9-1897: “Notícias da Bahia”.

O Estado de São Paulo, 6-10-1897: “Canudos”.

O Estado de São Paulo, 25-10-1897: “Canudos, diário de uma expedição”, Euclides da Cunha.

(106). — *O Estado de São Paulo*, 21-10-1897: “Canudos, diário de uma expedição”, Euclides da Cunha.

(107). — *Correio Paulistano*, 16-3-1897: “Sucessos da Bahia”.

Correio Paulistano, 3-9-1897: “Canudos”.

(108). — *O Estado de São Paulo*, 11-8-1897: “Canudos”.

(109). — *O Estado de São Paulo*, 4-9-1897: “Canudos”.

(110). — *O Estado de São Paulo*, 11-10-1897: “Canudos”.

voltadas para a guerra pois eram depósitos de munições ou quartéis, quando não armazens que vendiam o alimento para os habitantes. A cor das casas também dificultava seu reconhecimento, pois confundia-se com a cor da terra; sua construção as tornava sólidas a ponto de não sofrerem abalos com os tiros das tropas; as seteiras em si eram um meio de ataque utilizado pelos jagunços contra as tropas governamentais. Portanto, toda a construção do arraial era voltada exclusivamente à defesa deste.

Dentro do arraial o principal reduto era formado pelas duas igrejas — a velha e a nova — que se constituíam em verdadeiras fortalezas. Foram estas o último refúgio dos jagunços, e somente quando foram tomadas deu-se a vitória final sobre Canudos.

Tais igrejas, cortadas pelo rio Vasa-Barris, formavam a praça central de Canudos e apresentavam cor diferente do restante das construções, sendo que por elas o arraial era facilmente reconhecido à distância.

“... a igreja nova que olha para o levante enquanto a velha deita para o poente, são de barro cinzento” (111).

Um oficial em carta a seu irmão descreve da seguinte forma as igrejas:

“A igreja velha parece com a do Bonfim da Bahia e a nova com a da Conceição da Praia, tendo esta as suas paredes mais de metro de pedra, coração de negro espessura.

Por mais que a artilharia fizesse (pois deu-me mais de 150 tiros) não conseguiu derruba-las, fazendo apenas uns seis buracos na igreja Velha” (112).

Fato sintomático é que justamente a igreja nova, construída após as primeiras lutas entre Conselheiro e tropas policiais (113) é

(111). — *O Estado de São Paulo*, 7-8-1897: “Canudos”. “A igreja nova, com sólidas paredes amparadas e andaimes, esbranquiçava-se no centro dos mucambos, erguendo as duas torres como mastros colossais... Pelas paredes abriam janelas dando a lembrar os escovens de navio de guerra. Por trás de uns casebres mais altos a igreja velha muito alva dava uma mancha de espuma no espaço...” em *O Estado de São Paulo*, 4-8-1897: 1897: “Canudos”. “... se não existisse as duas igrejas à margem do Vasa-Barris... (Canudos) ... não seria percebida a três km. de distância”, em *O Estado de São Paulo*, 11-10-1897: “Canudos, diário de uma expedição”, Euclides da Cunha.

(112). — *Diário Popular*, 4-5-1897: “O combate de Canudos”.

(113). — *O Estado de São Paulo*, 20-8-1897: seção “Telegrammas”.
O Correio Paulistano, 21-8-1897: “Canudos”.

a que apresenta construção mais sólida, sendo a última a ser derrubada.

Por sua descrição percebe-se claramente que o objetivo de Conselheiro quando a edificou, era o de defesa. Isso porque

“as paredes da célebre igreja de Canudos tem dois metros e meio de espessura. É constituída em duas partes de um metro de largo e com um intervalo de meio metro cheio de areias e troncos” (114).

A artilharia atirava

“sobre as duas igrejas, uma das quais verdadeiro baluarte pela sua sólida construção, suas paredes tinham mais de 1 metro de espessura; era um reduto onde os fanáticos se escondiam e poucos sofriam da artilharia” (115).

A natureza de sua construção era tão sólida que mesmo os oficiais e os correspondentes da imprensa que foram a Canudos se referiam a ela como uma fortaleza (116). Inclusive os canhões em 7/1897 não conseguiram derrubá-la (117). A situação quase que é a mesma em setembro de 1897:

“As próprias igrejas, longos dias rudemente tratadas pela artilharia, conservam ainda as paredes mestras quase “estruidas”, como dois acervos monstruosos de pedras enormes” (118).

Os jagunços tinham pleno conhecimento da proteção que a igreja nova lhes oferecia, tanto é que cavaram um fosso entre as duas igrejas de onde atiravam contra as forças legais (119). O fosso e as trincheiras constituíram-se em uma admirável tática de guerra, pois

(114). — *O Correio Paulistano*, 17-7-1897: “Sucessos da Bahia”.

(115). — *O Estado de São Paulo*, 30-3-1897: “O combate de Canudos”.

(116). — “as igrejas são duas fortalezas...”, em *O Correio Paulistano*, 13-3-1897: “Os sucessos de Canudos”. “... a igreja nova é uma fortaleza inexpugnável”, em *Correio Paulistano*, 3-9-1897: “Canudos”. “... igreja-fortaleza...”, em *Correio Paulistano*, 12-7-1897: “Sucessos da Bahia”.

(117). — *O Estado de São Paulo*, 8-7-1897: “Notícias da Bahia”.

(118). — *O Estado de São Paulo*, 11-10-1897: “Canudos, diário de uma expedição”, Euclides da Cunha.

Estruir: destruir. Estragar a ponto de deixar imprestável.

(119). — *Correio Paulistano*, 14-3-1897: “Sucessos da Bahia”. Entre a igreja velha e a nova, correram uma muralha que serve de trincheira”, em *O Estado de São Paulo*, 21-8-1897: seção “Telegrammas”.

“Quando levantam a bandeira branca, reforçam as trincheiras em to no dos seus grandes e profundos fossos, de onde sobem à superfície, para fazer fogo, pelos degraus feitos nas paredes” (120).

Outra prova do conhecimento por parte dos conselheiristas da proteção que lhes oferecia a igreja nova, é a construção de subterrâneos que ligavam suas casas ao templo.

“Os jagunços... produziram com atividade e perspicácia incríveis escavações subterrâneas nos terrenos adjacentes... — igreja nova — ... tornando o ponto um reduto inexpugnável, principalmente porque nas tais casas existiam subterrâneos antecipadamente preparados, com escadas para o interior, tendo seteiras adrede preparadas” (121).

O próprio Antônio Conselheiro refugiava-se no subterrâneo da igreja (122).

A igreja oferecia inúmeras serventias aos jagunços: era depósito de armas e munições (123), servia de refúgio a Conselheiro (124) e também aos jagunços (125). Inclusive o cadáver de Antônio Conselheiro foi encontrado enterrado no santuário (126).

Desde o início até o fim dos combates, a igreja era um reduto dos conselheiristas. Em 11/3/1897 tem-se a informação que as balas que mataram o coronel Moreira Cesar

“foram atiradas da torre de uma das igrejas, construção sólida”. (127).

(120). — *O Estado de São Paulo*, 10-10-1897: “Canudos”.

(121). — *O Estado de São Paulo*, 13-10-1897: “Canudos, diário de uma expedição”, Euclides da Cunha.

Adrede: de propósito.

(122). — “Antônio Conselheiro... — está — ... no subterrâneo que começa na igreja e cuja entrada é difícil vencer”, em *Correio Paulistano*, 10-7-1897: “Sucessos da Bahia”. Dois soldados que participam da expedição Moreira Cesar disseram que: “o fanático chefe — refugiou-se no santuário, uma casa que há atrás da igreja nova e onde existe um subterrâneo”, em *O Estado de São Paulo*, 15-7-1897: “Expedição a Canudos”.

(123). — *O Estado de São Paulo*, 10-4-1897: “Antônio Conselheiro”.

(124). — *O Estado de São Paulo*, 3-8-1897: “Canudos”.

(125). — *O Estado de São Paulo*, 7-8-1897: “Canudos”.

O Estado de São Paulo, 15-9-1897: “Canudos”.

O Estado de São Paulo, 1-10-1897: “Canudos”.

Correio Paulistano, 1-10-1897: “Canudos”.

(126). — *O Estado de São Paulo*, 8-10-1897: “Canudos”.

(127). — *Correio Paulistano*, 11-3-1897: “Os sucessos de Canudos”.

Os jagunços faziam também fogo da igreja nova, e eram tantos que tornava-se impossível calcular o número deles, conforme os relatos de oficiais presentes em Canudos (128). Até os finais dos combates sabe-se que:

“Os fanáticos estão todos concentrados no santuário da igreja nova... resistem com heroísmo digno da melhor causa ... atacaram nossas linhas desesperadamente quatro vezes esta noite” (129).

Prova da importância que a igreja representava para os jagunços é o fato de que eles expuseram-se ao fogo do inimigo, numa investida para tentar arruinar um canhão das forças legais que

“danificava os seus templos” (130).

As igrejas pela sua localização e construção formavam o reduto central de Canudos.

“... mais forte é o reduto central constituído pela igreja nova” (131).

Mesmo as forças legais consideravam a praça formada pelas igrejas como ponto central, tanto que quando alcançaram uma expressiva vitória em 1/10/1897, hastearam a bandeira nacional

“nos restos da torre direita da igreja nova” (132).

A natureza das construções das ruas, levava quase que de maneira natural para a igreja nova:

“as nossas forças marcham através das ruas tortuosas e estreitas da povoação, quase toda conquistada casa por casa e

(128). — *O Estado de São Paulo*, 4-9-1897: “Canudos”.

O Estado de São Paulo, 6-9-1897: “Canudos”.

(129). — *O Estado de São Paulo*, 1-10-1897: “Canudos”. Ainda em 3-10-1897, a dois dias do final dos combates “continua a resistência do inimigo que, apertado na Igreja Nova, não resistia há muito”, em *O Estado de São Paulo*, 4-10-1897: “Canudos”.

(130). — *O Estado de São Paulo*, 15-7-1897: “Expedição a Canudos”.

(131). — *O Estado de São Paulo*, 27-7-1897: “Notícias de Canudos”. “... a igreja nova, centro de Canudos...”, em *Correio Paulistano*, 1-10-1897: “Canudos”.

(132). — *O Estado de São Paulo*, 19-10-1897: “Canudos”.

vão impelindo para a igreja nova e santuário a população inteira" (133).

Por ser o reduto central de Canudos, pela sua construção sólida, por ser um refúgio de conselheiristas e o abrigo da artilharia, a igreja-nova se constituiu em último baluarte do arraial. A partir do dia 12/9/1897, sucedem-se notícias sobre a derrubada das torres da igreja nova (134), até que em 1/10/1897, nos combates finais

"a terceira e a sexta brigada tomaram a igreja nova e velha" (135).

Tão forte era a construção e tanta importância tinha para Canudos que as tropas legais, não contentes em tê-la conquistado, arrasam-na com dinamite (136).

Concluindo, o fato de que a igreja nova foi construída após as primeiras lutas de Conselheiro contra as forças policiais, fez com que sua edificação fosse sólida, constituindo-se em reduto de defesa para o arraial. Em volta dela cavaram-se fossos e subterrâneos que ligavam as casas dos jagunços ao interior da igreja. Era depósito de munições e armamentos, o refúgio dos conselheiristas e o último ponto de artilharia. Sua construção sólida e sua localização central fizeram com que a igreja nova se constituísse o centro de defesa do arraial e o último baluarte a ser derrubado. Somente com sua conquista, Canudos é considerado vencido.

* * *

*

Um dos elementos que mais dava forças ao arraial unificando os jagunços na luta foi a doutrina de Conselheiro. Além do cunho

(133). — *O Estado de São Paulo*, 20-10-1897: "Canudos, diário de uma expedição", Euclides da Cunha.

(134). — *O Estado de São Paulo*, 13-9-1897: "Canudos".

O Estado de São Paulo, 13-9-1897: "Canudos".

O Estado de São Paulo, 17-9-1897: "Canudos".

O Estado de São Paulo, 19-9-1897: "Canudos".

(135). — *O Estado de São Paulo*, 7-10-1897: "Canudos". Encontra-se também referências que no combate final foi "conquistada a igreja nova na qual... foi hasteada a bandeira da república", em *O Estado de São Paulo*, 8-10-1897: "Canudos".

(136). — "Duas minas fizeram voar a igreja nova — a base da torre e uma parede que serão arrasadas. A igreja velha terá o mesmo destino", em *O Estado de São Paulo*, 12-10-1897: "Canudos".

religioso, esta também se fundamentava no estímulo à luta (137). As punições, inclusive de morte, eram aplicadas àqueles que traíam Antônio Conselheiro, fornecendo informações ou ajudando as forças legais.

“... o grupo de jagunços que atacaram Caixaqui, foi a mandado de Conselheiro, a fim de assassinarem Sabino Barros e sua família pelo fato de haver este cidadão prestado auxílio às praças extraviadas da expedição Moreira César, pois foram trazidos para aqui” (138).

Essa doutrina atingiu plenamente seu objetivo, pois até a queda de Canudos os jagunços lutaram com verdadeira força mesmo depois de já estarem quase que completamente sitiados. Em setembro de 1897 tem-se que:

“Os jagunços, porém, resistem com heroísmo digno de melhor causa” (139). “Admita-se a demora de renderem-se, pois estão sem água, sitiados há cinco dias, sempre debaixo de vivo fogo. Suas perdas são grandes diariamente... Dizem eles: “morreremos mas não nos entregamos” (140).

Portanto, a fé dos jagunços era um dos elementos que mais dava força ao arraial, sendo que esta fé estava profundamente imbuida do espírito de luta (141).

(137). — “Os moradores da margem das estradas que vão ter a Canudos, dizem que diariamente passam grupos numerosos de homens em direção àquela vila. Confessam todos que vão baterem-se e morrer pelo seu Bom Jesus. Nas fazendas Salgado e Junco foram encontrados cento e tantos homens que afirmavam ir para Canudos *cortar soldados* e que não temiam a morte, pois, segundo Antônio Conselheiro, ela importa numa mudança para o céu”, em *O Estado de São Paulo*, 12-1-1897: Antônio Conselheiro”.

(138). — *O Estado de São Paulo*, 29-6-1897: “Canudos”. Encontra-se também referências que: “Depois do combate de Uauá... propalou-se no arraial que um dos seus habitantes, um certo Motta, havia prevenido à força expedicionária do grande número de inimigos que aguardavam adiante e que a dizimariam imediatamente. O Conselheiro murmurou uma ordem a Pajehú: no outro dia o traidor e toda a família eram mortos”, em *O Estado de São Paulo*, 27-8-1897: “Canudos, diário de uma expedição”, Euclides da Cunha.

Uauá: povoação do estado da Bahia no município de Monte Santo.

Pajehú: um dos principais auxiliares de Conselheiro que transmitia suas ordens e vigiava o restante dos jagunços incitando-os à luta.

(139). — *O Estado de São Paulo*, 1-10-1897: “Canudos”.

(140). — *O Estado de São Paulo*, 2-10-1897: “Canudos”.

(141). — “... Tem a mais sólida, a mais robusta têmpera essa gente indomável: os prisioneiros feitos revelam-na de uma maneira expressiva...” em *O Estado de São Paulo*, 13-10-1897: “Canudos, diário de uma expedição”, Euclides da Cunha.

Conselheiro tinha o controle total do arraial, conforme diz um jagunço preso,

“... seu domínio é de fato absoluto, não penetra em Canudos um só viajante sem que ele o saiba e permita” (142).

Proibia também as bebidas alcoólicas (143), pois isso prejudicaria a atuação dos combatentes.

Dentre a população destacam-se os homens de confiança de Conselheiro que também agiam e comandavam o restante dos jagunços. Fato característico é de que esses auxiliares tinham como principais atribuições tudo o que se relacionava à defesa do arraial (144): emboscadas, saques, providenciar alimentos (145), guardar o gado (146), cuidar dos jagunços feridos (147), etc.. Enfim, tanto as táticas de guerra como o abastecimento da população, a fim de que ela continuasse lutando, estava nas mãos desses homens.

Concluindo, tem-se que a doutrina de Conselheiro estava embasada no estímulo à luta, daí a fé e a força que os jagunços mantiveram até o final de Canudos. Conselheiro escolhia entre a população os seus homens de maior confiança e dava-lhes incumbências, voltadas exclusivamente à defesa e manutenção do arraial. Portanto, a doutrina que unia Canudos tinha como fundamento e consequência a defesa do arraial.

* * *

III. — TÉCNICAS DE COMBATE.

Alem da posição do arraial que ajudava na defesa deste, os jagunços também fortemente armados, dificultando ainda mais a ação das forças legais.

142). — *O Estado de São Paulo*, 27-8-1897: “Canudos, diário de uma expedição”, Euclides da Cunha.

(143). — *Idem, ibidem*.

(144). — *Idem, ibidem*.

(145). — “... O Villa-Nova consta que estava fora de Canudos com um grupo que tinha ido ver víveres na Várzea da Ema...”, em *O Estado de São Paulo*, 13-10-1897: “Canudos, diário de uma expedição”, Euclides da Cunha.

Villa-Nova: outro auxiliar de Conselheiro cuidando do comércio e possuidor de um armazem.

(146). — “... os animais tomados estão guardados por Joaquim Macambyra”, em *O Estado de São Paulo*, 10-4-1897: “Antônio Conselheiro”.

(147). — “Manuel Quadrado, curandeiro experimentado... conhecedor de todas as folhas e raízes benéficas...”, em *O Estado de São Paulo*, 27-8-1897: “Canudos, diário de uma expedição”, Euclides da Cunha.

Somado às armas “inferiores”, como facões e cacetes os conselheiristas dispunham de espingardas as mais modernas, e também de balas explosivas. Tal armamento chegou a surpreender os militares que foram para Canudos: as forças conselheiristas

“são numerosas e acham-se providas de armamento regular e abundantes munições de guerra, ocupando além disto boa posição defensiva a qual para ser tomada, é provavel, terá de ser palmo a palmo disputada” (148).

As armas que mais se encontram referências são: clavinotes, facões, cacetes, picaretas, machados, além de espingardas Manulicher, Comblain, Mauser, Chuchu e cartuchos de munições (149).

Os relatos que atestam a existência de balas explosivas são inúmeros:

“O fato de ter havido explosão no depósito de munições das nossas forças em Canudos faz supor que Antônio Conselheiro tenha, entre os seus homens, militares dispoendo de balas explosivas, de excelente armamento e de pessoal que conhece o seu manejo” (150).

Em setembro tem-se que

“a existência de balas explosivas é incontestavel...” (151),

sendo que o próprio General Arthur Oscar telegrafou ao governo afirmando este fato (152). Após a queda de Canudos, uma comissão nomeada pelo governo determinou que

(148). — *O Estado de São Paulo*, 31-3-1897: “A expedição a Canudos”. O próprio general Arthur Oscar assinala o fato da resistência dos jagunços, referindo-se à quantidade de munições de que eles dispõem, tão grandes que parecem inesgotáveis”, em *O Estado de São Paulo*, 21-8-1897: seção “Telegrammas”.

(149). — *O Estado de São Paulo*, 5-12-1896: “Antônio Conselheiro”.

O Estado de São Paulo, 2-2-1897: “Antônio Conselheiro”.

O Estado de São Paulo, 28-2-1897: seção “Telegrammas”.

O Estado de São Paulo, 1 e 13-3-1897: seção “Jornaes do Rio”.

O Estado de São Paulo, 10-4-1897: “Antônio Conselheiro”.

O Estado de São Paulo, 15-7-1897: “Expedição a Canudos”.

O Estado de São Paulo, 4-8-1897: “Canudos”.

Clavinotes: diminutivo de clavina, espécie de carabina.

Manulicher, Comblain, Mauser, Chuchu: espécie de carabinas.

(150). — *O Estado de São Paulo*, 11-7-1897: seção “Telegrammas”.

Segundo carta de uma pessoa que se achava em Canudos: “nunca supus que tais bandidos estivessem tão bem armados. Até balas explosivas possuem!”, em *O Estado de São Paulo*, 31-7-1897: “Canudos”.

(151). — *O Estado de São Paulo*, 4-9-1897: “Canudos”.

(152). — *O Estado de São Paulo*, 13-9-1897: seção “Telegrammas”.

“o clarão que acompanhava, o estampido, à noite, fato que todos observaram durante o sítio, é, indício certo de que os jagunços tinham explosivos, embora porem, poucos...” (153).

Quanto à origem dessas armas pode-se destacar três procedências: o envio ou compra em locais vizinhos (144), o próprio armamento dos jagunços que emigravam a Canudos (155) e as armas que tomavam das torças legais (156). Tais armas reforçam ainda mais a defesa do arraial e justamente com outras condições naturais formavam as técnicas de combate dos jagunços.

O próprio terreno da instalação do arraial propiciava ajuda aos jagunços, pois como foi dito as elevações formavam um escudo protetor que cercava Canudos e de onde os conselheiristas atacavam as expedições oficiais.

“O inimigo fazia fogo escondido por detrás das montanhas que circundam Canudos” (157).

O conhecimento do terreno por parte dos jagunços facilitava enormemente a sua ação.

“A vantagem principal dos conselheiristas é o conhecimento exato do terreno” (158).

(153). — *O Estado de São Paulo*, 15-10-1897: “Canudos”.

(154). — *O Estado de São Paulo*, 26-7-1897: “Jagunços”.

(155). — “... chegam diariamente grupos e mais grupos de pessoas todas armadas com bacamartes, espingardas de caça, garruchas, pistolas, revólveres, facas, facões, foices e cacete, conforme as posses e recursos de cada “indivíduo”, em *O Estado de São Paulo*, 1-3-1897: “Antônio Conselheiro”.

(156). — “... os fanáticos têm pequena quantidade de Manlicher, Mauser e Comblain, algumas foram achadas nos matos depois do último combate; na ocasião desse combate os conselheiristas pegaram animais com oito caixas contendo munições, quando estes fugiram à disparada, indo esbarrar em Canudos”, em *O Estado de São Paulo*, 1-3-1897: seção “Jornais do Rio”.

(157). — *O Estado de São Paulo*, 8-3-1897: “O combate de Canudos”. Como diz Euclides da Cunha: “... cada batalhão, cada brigada, o exército inteiro, é fatalmente batido por todos os lados pelo inimigo invisível sempre acobertado, ora pelos valos que sulcam as encostas..., ora pelas trincheiras cavadas no alto... dentro das quais não caem as balas nem mesmo no ramo descendente das trajetórias... pelo alto de todas as tombadas que atravessei apareciam as mesmas trincheiras cavadas com uma disposição inteligente, umas relativamente às outras cruzando os fogos de maneira mais eficaz...”, em *O Estado de São Paulo*, 11-10-1897: “Canudos, diário de uma expedição”, Euclides da Cunha.

(158). — *O Estado de São Paulo*, 5-2-1897: seção “Telegrammas”. “... Eram fortes pelo número e pela ferocidade na ação, com as vantagens do terreno só por eles conhecido, todos armados e protegidos”, em *O Estado de São Paulo*, 8-2-1897: seção “Telegrammas”.

Todos os acidentes eram aproveitados pelos jagunços e o que representava uma dificuldade para as forças legais era uma vantagem para os habitantes do arraial. A vegetação espessa, impossível de ser atravessada pelas tropas governamentais não apresentava problemas para os jagunços pois ele

“... traíçoeiro e ousado, rompe-os, atravessa-os, entretanto, em todos os sentidos facilmente...” (159).

As caatingas também facilitavam a ação dos jagunços que se escondiam nelas (160). No trajeto para Monte Santo as forças legais tiveram que

“rechaçar algumas partidas de fanáticos que estavam emboscados nos matos e escondidos ao longo do caminho” (161).

As emboscadas nas caatingas foram um fato constante nas lutas dos jagunços que dificultaram assim as forças do governo.

“... as forças do general Arthur Oscar estão sendo incomodadas pelos jagunços espalhados pelas caatingas, que os conselheiristas atacavam as forças policiais que aguardavam o comboio, causando-lhe perdas” (162).

Talvez a melhor descrição da forma com que os jagunços lutavam é a que é dada por Euclides da Cunha quando ele relata que os soldados passaram a imitar tais táticas de guerra: as forças legais

“Dispensam-se como eles nas caatingas e caçam-os também como ele nos caça; deslizam como ele, destramente entre os espinhos, de rastros, cosidos com o chão, acobertando-se em todos os acidentes do solo... rápidos como ele, como ele aparecendo

(159). — *O Estado de São Paulo*, 17-7-1897: “A nossa Vendêa”, Euclides da Cunha.

(160). — *O Estado de São Paulo*, 8-7-1897: “Notícias da Bahia”.

(161). — *O Estado de São Paulo*, 6-7-1897: “Notícias da Bahia”. “Os jagunços espalhando-se pelas caatingas, estão atacando, emboscados, as forças que compõem as colunas legais, causando-lhes prejuízos. Um bando de jagunços, cercando a força de polícia, sob cuja guarda estavam as munições, produziu muitos estragos, havendo na luta muitas mortes, e sendo tomadas as cargas”, em *O Estado de São Paulo*, 6-7-1897: “Notícias da Bahia”.

(162). — *O Estado de São Paulo*, 7-7-1897: seção “Jornaes do Rio”. Encontra-se referências que o exército sofria baixas devido aos “tiros certos, verdadeira caçada humana, que do seio das caatingas faziam os fanáticos de emboscada”, em *O Estado de São Paulo*, 11-7-1897: “Canudos”.

e desaparecendo de um modo fantástico — pondo a astúcia diante da astúcia, jogando a cilada contra a cilada” (163).

O próprio rio Vasa-Barris era também utilizado como uma tática de defesa dos jagunços. Pela posição desse rio, tem-se que ele fortificava as linhas dos conselheiristas (164). Além disso era usado para dificultar a ação das tropas governamentais, pois os jagunços envenenavam suas águas no ponto onde se achavam essas tropas (165).

Portanto, o arraial foi instalado em uma região onde as condições geográficas lhe propiciavam uma posição defensiva. Cercado por montanhas, penhascos, repleto de caatingas e cerrados, Canudos constituía-se em uma localidade de difícil acesso para as forças legais, mas não para os jagunços que, pelo prévio conhecimento que tinham do terreno, venciam sem dificuldade tais acidentes. Devido a essa posição defensiva o governo sabia desde o início que a região teria que ser palmo a palmo disputada (166). Os jagunços permaneciam no mais das vezes invisíveis para as tropas governamentais, escondendo-se atrás das montanhas, dos valos ou das trincheiras (167). As próprias condições geográficas da região ofereciam aos conselheiristas as melhores técnicas de combate.

Mas os jagunços não se aproveitavam somente das condições geográficas para combater os inimigos. Todas as construções existentes no arraial foram edificadas com o fim de ataque e defesa.

A igreja nova construída após as primeiras lutas entre os conselheiristas e a polícia tinha a sua estrutura fortificada e suas torres eram ocupadas pelos jagunços de onde atiravam facilmente para

(163). — *O Estado de São Paulo*, 26-9-1897: “Canudos, diário de uma expedição”, Euclides da Cunha.

(164). — “... o rio Vasa-Barris ... mesmo cortado em muitos pontos por onde há passagem fácil na quadra atual, ainda assim protege bastante as primeiras linhas avançadas fortificadas pelo inimigo”, *O Estado de São Paulo*, 14-3-1897: seção “Notícias do Rio”.

(165). — “Conselheiro mandou cortar córregos próximos a Canudos para impedir que as forças expedicionárias se abastecessem de água, e fez envenenar as águas daqueles que não pode cortar”, em *O Estado de São Paulo*, 29-1-1897: “Antônio Conselheiro”. Sabe-se também que as forças governamentais mandaram “retirar de um poço de aguada dois animais em putrefação postos pelos jagunços, quando tomaram a estrada do Cambaio”, em *O Estado de São Paulo*, 18-9-1897: “Canudos”.

(166). — *O Estado de São Paulo*, 31-3-1897: “A expedição a Canudos”.

(167). — *O Estado de São Paulo*, 11-10-1897: “Canudos, diário de uma expedição”, Euclides da Cunha.

todos os lados contra as forças expedicionárias (168). Foi também cavado um fosso entre as duas igrejas, de onde os conselheiristas faziam fogo ao mesmo tempo que eram protegidos por essas sólidas construções.

“Testemunhas de vista afirmam que entre as duas igrejas de Canudos, existe fosso dentro do qual os bandidos atiravam vivamente contra a polícia durante o combate” (169).

Os jagunços tinham conhecimento da proteção que a igreja nova lhes oferecia, pois cavavam subterrâneos que ligavam suas casas diretamente a essa igreja. Fato sintomático é de que nos dias finais do combate todos os jagunços estavam entrincheirados na igreja (170.)

As outras construções também apresentavam recursos de ataque e defesa para os jagunços. Inclusive as casas tinham buracos (seteiras) nas paredes de onde os conselheiristas atacavam os corpos oficiais.

“A jagunçada atirava de dentro das casas, por buracos que fazem na parede. Raro é o tiro que perdem” (171).

A própria disposição das casas também era uma técnica de combate, já que sua construção “em xadrez” propiciava amplas possibilidades de ataque, pois os jagunços tinham a visão total do que os cercava, bastando para isso apenas virarem-se (172).

Os conselheiristas combatiam obedecendo a uma certa ordem, fato que já fora notado desde o início das lutas (173). Tem-se inclusive, notícias de que as forças do arraial estavam divididas em briga-

(168). — “O general Arthur Oscar comunicou ao ministro que, depois de longo bombardeio, caíram afinal as duas grandes torres da igreja nova de Canudos, ponto que dominava todo o nosso acampamento e de onde faziam os jagunços um fogo mortífero”, em *O Estado de São Paulo*, 27-9-1897: “Canudos, diário de uma expedição”, Euclides da Cunha.

(169). — *Correio Paulistano*, 14-3-1897: “Sucessos da Bahia”.

(170). — *O Estado de São Paulo*, 13-19-1897: “Canudos de uma expedição”, telegrama”.

O Estado de São Paulo, 1-10-1897: “Canudos”.

(171). — *Diário Popular*, 21-9-1897: “Notícias da Bahia”. “Não havia casa vazia, não havia seteira em que deixassem de brilhar pelo menos dez olhos...” em *O Estado de São Paulo*, 19-10-1897: seção “Telegrammas”.

(172). — *O Estado de São Paulo*, 22-9-1897: “Canudos, diário de uma expedição”, Euclides da Cunha.

(173). — “... empenha-se ele... (Conselheiro) ... com mais ardor na luta, denotando assim uma organização que parece ser mais ou menos bem dirigida”, em *O Estado de São Paulo*, 28-1-1897: seção “Jornais do Rio”.

das, cada qual com um comandante e um nome específico (174). Quanto mais duravam as lutas e combates, mais os jagunços aprimoravam essa organização (175). Euclides da Cunha descreve a disciplina de luta dos conselheiristas:

“... ninguém deve acreditar que os jagunços combatam sem ordem; há leis naquele tumulto aparente; na ordem dispersa em que se dispõem, invariavelmente, o trilar dos apitos determina evoluções rápidas corretamente executadas — dilatando, encurtando, fazendo avançar ou retroceder, movimentando em todos os sentidos, vertiginosamente, as linhas de atiradores perfeitamente disposta” (176).

Ao lado dessa organização de combate os conselheiristas também manejavam as armas com precisão, chegando-se inclusive a dizer que suplantavam as forças legais (177).

“Um coronel disse ser admirável a disciplina, dos jagunços, parecendo que espírito superior os exercita. Num encontro a descoberto fizeram evoluções tão rápidas, como disposição em linha de atiradores, etc... que causaram impressão no nosso exército” (178).

Uma tática de guerra usada constantemente nos últimos dias pelos habitantes do arraial era o ataque à noite. Tendo conhecimento do terreno, os conselheiristas movimentavam-se com relativa facilidade à noite, atacando de surpresa e fortemente as forças legais que não tinham noção de onde vinham os tiros, pois Canudos estava às escuras (179).

(174). — *O Estado de São Paulo*, 29-8-1897: “Canudos, diário de uma expedição”, telegrama”.

(175). — “Possuem agora disciplina e tática: não atacam em bandos, mas em perfeitas linhas de atiradores ocultos nas caatingas, evitando desperdício de munições”, em *O Estado de São Paulo*, 10-9-1897: “Canudos”.

(176). — *O Estado de São Paulo*, 28-9-1897: “Canudos, diário de uma expedição”, Euclides da Cunha.

(177). — *O Estado de São Paulo*, 25-8-1897: “Canudos”.

(178). — *O Estado de São Paulo*, 24-9-1897: “Canudos”.

(179). — *O Estado de São Paulo*, 27-8-1897: “Canudos, diário de uma expedição — telegrama”.

O Estado de São Paulo, 6-9-1897: “Canudos”.

O Estado de São Paulo, 14-9-1897: “Canudos, diário de uma expedição”, Euclides da Cunha. “Os jagunços nos últimos dias, apresentam grande atividade bélica, tiroteando constantemente e atacando com intensidade as linhas, o que se deu principalmente nas noites de 16 e hoje, à 1 hora da manhã” em *O Estado de São Paulo*, 24-9-1897: “Canudos”.

“... Às vezes toda a linha das nossas forças, que tem uma extensão aproximada de dois quilômetros, é, simultaneamente à noite, atacada vigorosamente, em todos os pontos” (180).

Em síntese, as técnicas de combate dos jagunços derivavam, além da própria organização destes, das condições geográficas da região e das construções do arraial, provando com isso que Canudos fora erigido e povoado justamente com o fim de defesa.

* *
*

CONCLUSÕES.

“Tenho o prazer de comunicar a V. Exa. que, agora, 7 horas da manhã, acabo de receber um officio do general Arthur Oscar, participando-me de que ontem às 4 horas da tarde, a cidadela de Canudos, caiu definitivamente em nosso poder...” (181).

Para chegar a essa vitória final as forças legais lutaram desde novembro de 1896 à outubro de 1897. Foram 11 meses de combate onde três expedições foram vencidas (182), provando que o arraial oferecia grande resistência e que não se tratava de um simples aglomerado de fanáticos.

Na verdade, Canudos fora edificado e urbanizado para a sua defesa. A região onde fora instalado o arraial era de prévio conhecimento dos jagunços que ali se fixaram somente após as primeiras lutas contra o governo. Sua localização deu-se no centro de um terreno acidentado que o protegia ao mesmo tempo em que dificultava a ação das tropas legais não familiarizadas com a região. Era um ponto estratégico, rodeado por estradas somente conhecidas pelos jagunços e que os comunicavam com as regiões vizinhas. Estas regiões eram centro de abastecimento tanto de víveres quanto de armas e cujas populações por já terem conhecimento da doutrina de Conselheiro auxiliavam-no e permitiam que os jagunços se fortificassem em tais locais. Portanto, Canudos foi deliberadamente instalado em um local

(180). — *O Estado de São Paulo*, 26-9-1897: “Canudos, diário de uma expedição”, Euclides da Cunha.

(181). — Telegrama do Ministro da Guerra, marechal Machado Bittencourt, ao Presidente da República, Prudente de Moraes, em *O Estado de São Paulo*, 7-10-1897: “Canudos”.

(182). — 1º Tenente: Manuel da Silva Pires Ferreira, 2º Major Febrônio de Brito; 3º Coronel Antônio Moreira Cesar.

propício geograficamente e próximo a centros que facilitavam seu abastecimento.

Os habitantes eram originários de diferentes locais, todos atraídos pela doutrina de Antônio Conselheiro que tinha como fundamento o estímulo à luta. A fé proveniente dessa doutrina dava forças à população e todos participavam da vida do arraial voltada à defesa deste. A própria divisão hierárquica da população obedecia a essa doutrina e, conseqüentemente à guerra: os mais devotos eram os que recebiam melhores armas e os mais altos postos. Inclusive os jagunços dividiam seu tempo entre as atividades bélicas e a agricultura ou criação de gado que abastecia o arraial fortalecendo a sua defesa.

As ruas tortuosas dificultavam o acesso das tropas governamentais e, por outro lado, o traçado geral de Canudos — em xadrez — permitia aos conselheiristas uma maior mobilidade para defendê-lo. As casas com sua cor de terra dificultavam o reconhecimento do arraial à distância; nelas existiam seteiras pelas quais os jagunços resguardados em suas moradas atacavam as forças legais tanto de longa quanto de curta distância, surpreendendo-as, pois estas não sabiam de onde vinham os tiros.

Tanto as ruas como as casas levavam naturalmente à praça central de Canudos, constituída pelas duas igrejas — a velha e a nova. Esta última, levantada após os primeiros combates, teve a sua construção voltada à defesa do arraial sendo a edificação mais sólida deste. Dessa forma foi o último refúgio dos jagunços que nela se entrincheiraram por meio de subterrâneos previamente construídos. Era também um depósito de munições e local de artilharia dos conselheiristas. Sua natureza exclusivamente de defesa fez com que fosse o último reduto do arraial a cair, sendo que somente após sua tomada Canudos foi considerado vencido.

Uma cidade vivendo em função da luta teve naturalmente a sua população organizada militarmente para a sua defesa. Assim, os conselheiristas se ordenaram para a guerra, manejando perfeitamente desde as armas simples até as mais complexas, chegando a se equipararem aos próprios soldados do governo. Além dessas técnicas de combate originárias de sua organização interna, os jagunços também edificaram seu arraial de tal forma que as construções situadas neste existiam para defendê-lo. Em uma posição defensiva Canudos se urbanizou propositadamente em meio a uma região onde a topografia era talvez a melhor técnica de defesa.

Portanto, a urbanização de Canudos foi uma decorrência da necessidade de defesa do arraial. Tudo ali se fez para defendê-lo e resistir às tropas governamentais.

“Depois de tenaz resistência, caiu em poder das forças republicanas, ontem, 6 de outubro, o arraial de Canudos” (183).

* *
*

INTERVENÇÕES.

Do Prof. *José Calazans* (UFBA).

Afirmou que na base da documentação pesquisada as conclusões das Autoras estão logicamente certas.

Parece-lhe, porém, que os representantes da imprensa paulista, naturalmente envolvidos pelos acontecimentos, procuravam mostrar o plano defensivo de Antônio Conselheiro, exagerando, evidentemente, as medidas anteriormente tomadas, nas quais os correspondentes citados viam exclusivamente providências de ordem militar. Daí, considerar que o trabalho apresentado pelas Autoras é absolutamente válido, tendo em vista as fontes consultadas, que estão, porém a exigir um tratamento crítico.

Continuando, disse que lhe parecia necessário retificar a assertividade que a igreja nova fora construída durante as diversas fases da luta. Pelo contrário, foi justamente o início da construção da capela do Bom Jesus que deu origem ao conflito.

* *
*

RESPOSTA DAS PROFESSORAS ILANA BLAJ e CÂNDIDA PEREIRA DA CUNHA.

Ao Prof. *José Calazans*.

Declararam que concordam com o Prof. Calazans em que as fontes consultadas — jornais da época com as reportagens dos correspondentes especiais — merecem um exame crítico de sua parte. Realmente, os correspondentes especiais retratavam o dia a dia de

(183). — *O Estado de São Paulo*, 8-10-1897: Seção “Telegrammas”, sub-título: “Canudos”.

Canudos e a subjetividade dos repórteres é patente. Um exame crítico de seus relatos, baseado em outras fontes será objeto de uma próxima pesquisa. A meta principal desta comunicação foi, na verdade, mostrar a urbanização defensiva de Canudos vista pelos jornais da época.

Realmente, a igreja nova teve a sua edificação realizada no começo da luta de Canudos. Muitas referências a este respeito foram encontradas, inclusive díspares. Conta-se que o motivo do início da guerra de Canudos foi uma compra de madeira feita por Antônio Conselheiro e não enviada para o local. Após a reclamação de Conselheiro, a pessoa que vendeu a madeira avisou a polícia da existência dos jagunços e da sua “periculosidade”. Assim iniciou-se a guerra de Canudos. Porém, esta referência não foi citada, por não sabermos de sua exatidão.